

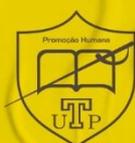
# interin

Revista do Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação e Linguagens | Universidade Tuiuti do Paraná  
ISSN: 1980-5276 | DOI 10.35168/1980-5276.UTPinterin  
v. 26, n. 2, jul./dez. 2021



DOSSIÊ TEMÁTICO

## **JORNALISMO AUDIOVISUAL** (IN)FORMAÇÃO EM TELAS



Universidade  
Tuiuti do  
Paraná

## Apresentação

### Jornalismo audiovisual: (In)formação em telas

Presentes há sete décadas no Brasil, as telas de televisão são, no país, a principal forma de acesso à informação cotidiana, conforme dados da última Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM 2016). Por meio das telas, e especialmente nos telejornais, os telespectadores presenciaram a história do seu tempo e também assistiram, muitas vezes sem se dar conta, mudanças nos modos de se construir os relatos sobre o mundo nas narrativas jornalísticas audiovisuais.

Alvos de críticas de diferentes campos sociais, incluindo o jornalístico, os noticiários televisivos nos anos recentes têm narrado também o seu lugar como espaço de conhecimento, comprometido com a verdade e com a (in)formação de cidadãos. No país, os tensionamentos entre os diferentes poderes são acompanhados e experimentados também especialmente por meio do jornalismo que é acessado por meio de telas, o telejornalismo.

As telas e diferentes dispositivos ocupam papel cada vez mais relevante nos fazeres profissionais do jornalismo, que incluem novos atores, agentes e modos de fazer. Forma de registro e acesso ao real, as telas do jornalismo audiovisual dão a ver e ouvir a (re)constituição da confiança, com elevação da audiência e dos sentidos de credibilidade atribuídos à TV e vídeo como forma de registro, e do próprio jornalismo.

No contexto do distanciamento social necessário como forma de enfrentamento da pandemia, as telas ampliaram ainda mais sua centralidade na nossa vida e experiência social. De espaço privilegiado de informação e acesso ao mundo cotidiano por meio do telejornalismo, as telas de diferentes suportes se converteram também em espaço para o ensino não presencial e para reduzir ainda que simbolicamente as distâncias entre aqueles que amamos.

À esse cenário, somaram-se outras mudanças resultantes do desenvolvimento de outros produtos de mídia, como revistas e jornais que deixam de ser impressos para estar presentes também ou exclusivamente nas telas, e com produções de vídeos, materialidade que caracteriza o jornalismo audiovisual. A (re)invenção do

Telejornalismo em tempos de pandemia, além de título do décimo volume da coleção editada pela TELEJOR - Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (EMERIM, PEREIRA & COUTINHO, 2020), foi tema de uma série de eventos acadêmicos também realizados entre telas, e de pesquisas cujos resultados são apresentados em alguns dos artigos que integram esse Dossiê.

Merece destaque o aumento da importância e mesmo de volume de produção científica que tem o jornalismo audiovisual e a informação em telas como tema na última década, o que se relaciona com a constituição em 2005 de uma rede de pesquisadores dedicada ao estudo e investigação do Telejornalismo, a TELEJOR, e do GP Telejornalismo na Intercom, em 2009. As reflexões sobre o papel formativo do telejornalismo, e de seus profissionais, tem se intensificado desde então.

O Dossiê apresenta ao todo nove textos que abordam experiências do telejornalismo contemporâneo em emissoras de TV aberta, por assinatura e ainda produções disponíveis em streaming. Há artigos que apresentam proposições teóricas e estudos empíricos que abordam experiências de jornalismo audiovisual de caráter local e nacional, além de uma diversidade de métodos de estudo de processos de produção e consumo de notícias ou de desvendamento dos sentidos que emergem das telas e com valor de verdade.

Os artigos estão organizados em três seções, ou blocos para lembrar os telejornais como gênero audiovisual de referência. O primeiro bloco tem três artigos que colocam em cena os diálogos entre o jornalismo audiovisual e sua audiência, e as interferências desses contatos, humanos e/ou maquínicos.

Ana Carolina Pessoa Temer e Marli Santos, por exemplo, abordam no primeiro artigo do Dossiê o uso de conteúdos colaborativos durante a pandemia Covid-19, e a adaptação das estratégias de produção do telejornalismo quando as equipes de reportagem tinham sua mobilidade reduzida. O texto “Conteúdos colaborativos e novas possibilidades do telejornalismo” apresenta uma análise qualitativa das edições de dois programas diários da Globonews veiculadas de março a junho de 2020. Os resultados apontam mudanças em recursos de narrativa e a reafirmação da autoridade de profissionais mais experientes.

Já o artigo de Gilze Bara, investiga em que medida a interatividade entre telejornalismo e audiência pode ser caracterizada como um diálogo. Para isso recorre à compreensão da argumentação dialógica em Mikhail Bakhtin e à realização de dois grupos focais, com profissionais atuantes em seis diferentes emissoras televisivas.

William Silva de Oliveira e Rafael Paes Henriques por sua vez tem como foco o compartilhamento e utilização das imagens geradas por câmeras de circuito interno e de vigilância em telejornal de emissora de TV afiliada da Globo no Espírito Santo. O artigo observa a participação popular no telejornalismo no âmbito de um novo ecossistema de informação, que permitiria maior interação entre público e redações por meio das tecnologias contemporâneas que potencializam o compartilhamento de conteúdo audiovisual.

O segundo bloco de artigos tem como objeto de investigação empírica produtos jornalísticos veiculados na TV Globo e na plataforma de streaming Globoplay. Como método de estudo os três textos recorrem à pesquisa documental e à análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2018) para dar a ver sentidos e rotinas produtivas revelados nas narrativas tomadas como objeto.

Em “Cinquenta anos de JH no contexto do telejornalismo para múltiplas telas e audiências”, Mayra Fernanda Ferreira e Vinicius Martins Carrasco de Oliveira analisam como ao narrar os vídeos que marcam os 50 anos do Jornal Hoje (TV Globo) dão a ver as reconfigurações e inovações próprias do telejornalismo, seu tranbordamento para múltiplas telas e audiências e ainda o protagonismo de repórteres e âncoras. O artigo recorre à análise documental de caráter exploratório para responder à questão proposta.

Já no artigo “‘A vida é tão rara’: a visibilidade da ciência e da saúde nas telas do Jornal Nacional na pandemia da Covid-19”, Simone Teixeira Martins, Gustavo Teixeira de Faria Pereira e José Tarcísio Oliveira Filho analisam as estratégias discursivas do Jornal Nacional em uma edição do Jornal Nacional a partir da articulação entre telejornalismo e ciência. Os autores recorrem às teorias ligadas ao jornalismo audiovisual, desinformação, comunicação e saúde e enunciação didática na pesquisa realizada a partir da elaboração dos dois operadores analíticos e da aplicação da Análise da Materialidade Audiovisual.

O mesmo método é utilizado por Luiz Felipe Novais Falcão e Ingrid Pereira de Assis para compreender a disputa de narrativas sobre o trabalho dos jornalistas no documentário *Cercados*, disponível na plataforma de streaming Globoplay. O artigo tensiona o lugar e credibilidade do Jornalismo narradas em vídeo e o atual contexto político no Brasil. Reflete também sobre episódios de violência contra profissionais que atuam no jornalismo audiovisual.

A relação da segurança pública, e de sua transgressão, com ao universo do telejornalismo é o eixo que articula os três últimos textos do Dossiê. Carla Ramalho Procópio e Carla Baiense Felix propõem ver o invisível ao refletir sobre o papel do esclarecimento e a mediação socializadora do telejornalismo para narrar o encarceramento em massa, subtítulo do artigo das autoras do PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. O trabalho associa a dimensão socializadora da TV em Martín-Barbero à função de esclarecimento do jornalismo em busca de uma alternativa capaz de sensibilizar e mobilizar mudanças em reportagens audiovisuais capazes de romper no cotidiano com as dinâmicas da cultura do aprisionamento e com a criminalização das relações.

“A morte no supermercado e o mercado de realidades em tela” é o título de outro texto desse bloco, em que Jemima Bispo de Jesus e Jhonatan Alves Pereira Mata refletem sobre telejornalismo, racismo e direitos humanos no caso João de Freitas, ocorrido em 19 de novembro de 2020, nas dependências do supermercado Carrefour, em Porto Alegre (RS). A agressão e morte de um brasileiro negro ganhou destaque nos principais telejornais do país; o artigo dos autores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF tem como objeto empírico a cobertura realizada pelo *Jornal Nacional* (Rede Globo).

O último artigo do dossiê busca identificar narrativas carregadas de desinformação atreladas ao discurso bolsonarista na TV brasileira, a partir de um estudo de caso do programa *Alerta Nacional*, veiculado no canal Rede TV. Em “Jornalismo policial e o bolsonarismo: a desinformação como estratégia de dominação simbólica na TV” Karoline Maria Fernandes e Nadi Helena Presser apresentam reflexões ancoradas nos conceitos de desinformação e fake news da Ciência da Informação e às contribuições da Teoria do Jornalismo para evidenciar uma maior inserção do tema desinformação na TV aberta brasileira da contemporaneidade.

Dessa forma os nove artigos que integram o dossiê ressaltam o caráter múltiplo e a relevância social do jornalismo audiovisual que no presente transbordam por diferentes telas, gêneros e experiências.

Curitiba, julho de 2021.

**Iluska Coutinho**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil.

**Ariane Pereira**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Brasil.

**Mônica Fort**

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Brasil.